



Corpos em mutação no cinema de David Cronenberg

Por Yasmin Rahmeier



Jeff Goldblum em A Mosca (1986)

O cinema de David Cronenberg é arrebatador, nele o corpo e a mente têm uma relação única e obscura onde ou um ou outro mutam-se ou desintegram-se em prol de algo maior, existe uma fixação pela carne. A invocação de um mal é sempre encarnada pelos corpos de seus protagonistas, pode-se dizer então que a carne, a ciência, a inadequação social, o sexo e a morte constituem uma parte indispensável do cinema do diretor canadense.

Em uma primeira fase podemos observar que o mal transparece fisicamente, ora por mutação, ora por um vírus, ou ainda uma inquietação muitas vezes psicológica de seus personagens vem à tona em forma de aberrações físicas. Dentro deste formato poderíamos citar filmes como *Filhos do Medo* (1979), *Scanners* (1981), *Videodrome* (1983) e *A Mosca* (1986).

Particularmente em *Videodrome* e *A Mosca*, vemos dois personagens que se transfiguram e conseqüentemente passam a vivenciar uma recém-adquirida espécie de existência. Em *A Mosca*, temos inclusive o personagem de Seth Brundle se tornando no final um ser grotesco, mas que claramente possui uma consciência humana, em seus olhos negros e profundos, enquanto seu corpo e sua mente permanecem um só nesta triste e agonizante saga de destruição.

Seth, interpretado por Jeff Goldblum, é um cientista excêntrico que

cria um dispositivo de teletransporte, o *telepod*, por sofrer enjôos em transportes normais. Quando ele conhece a jornalista Veronica Quaife, interpretada por Geena Davis, inicialmente procura um meio para que a sua invenção consiga teletransportar seres humanos, testando com um macaco, o que acaba dando terrivelmente errado. Até que ele percebe por um comentário de Veronica que o que falta é fazer com que a máquina fique “louca pela carne”.

Quando consegue adaptar seu experimento para que seres vivos possam se teletransportar, ele mesmo utiliza sua invenção num ato impulsivo depois de beber e ter um ataque de ciúmes por causa de Veronica. O que ele não percebe é que quando ele faz uso de sua invenção, uma mosca está junto a ele dentro do dispositivo, o que resulta na fusão do DNA de ambos, iniciando desta forma o processo de metamorfose do cientista em uma mosca.

Assumindo a impureza do gênero da ficção científica, Cronenberg trabalha muitas vezes com elementos de outros gêneros para construir sua narrativa no filme. Dentro disso, *A Mosca* nada mais é do que uma história de amor entre Seth e Veronica. A chegada da jornalista em sua vida proporciona uma série de mudanças drásticas na cabeça do personagem, levando-o a cometer uma série de atos impulsivos, culminando em seu último ato de pedir para que ela, com seus olhos negros e desesperados, o mate, como um ato de misericórdia.

Seth é uma vítima de seu experimento e conseqüentemente daquilo que se tornou. Tanto ele quanto Max Reen, personagem de James Woods em *Videodrome*, acabam se sacrificando em prol de suas metamorfoses. Ambos se tornam escravos da nova carne, tanto um quanto o outro representam a utopia de uma singular condição de existência, mais evoluída que as formas de vida existentes na terra até então, e ambos sabem dos riscos dessas mutações, assim como sabem que o mundo ameaça e resiste a esses novos corpos e mentes. Os dois levam até as últimas conseqüências essas experiências e acabam se tornando vítimas de si mesmos.

Essas alterações abruptas nos são dadas por narrativas que beiram a descontinuidade. Em *A Mosca*, depois que Seth entrelaça seu DNA com o de uma mosca, acompanhamos as alterações no corpo e na psique de Seth muito mais pelo ponto de vista de sua amada, Veronica, do que pelo

ponto de vista dele.

No início de sua transformação, Seth tem plena noção de certas mudanças e descobre novas e surpreendentes capacidades sexuais e físicas, assim como sabe que é portador de uma singular espécie de ser. Com o tempo, a incapacidade de associar o velho Seth com o novo acaba levando-o a sua autodestruição.

Temos paralelamente a destruição de Seth e o distanciamento entre ele e Veronica: quanto mais uma anomalia ele se torna, mais o relacionamento dos dois se deteriora, e quanto mais ela busca ajuda-lo, mais alienada se torna com a falta de empatia vinda de Seth.

Ao longo desta metamorfose, tanto Brundle quanto Brundlefly coexistem num mesmo corpo que se encontra em um processo de mutação, cada um deles lutando pela sua independência. Brundle permanece presente o tempo todo, no entanto sua presença é manifestada pela dúvida, melancolia, e transformação e é na escuridão da individualidade de cada um deles que a identidade de Brundle e de Brundlefly é retomada através dos seus estados saudáveis e grotescos de manifestações.

O realizador canadense levanta questões extremamente importantes em diversos de seus filmes, no entanto, uma das mais pertinentes seria: pode um corpo existir num estado consciente independentemente da mente? Dentro desse artigo eu gostaria de dizer que sim. Que os filmes de Cronenberg fornecem essas mutações por meio de um cinema que procura deixar em evidência o corpo como identidade humana. Max e Seth têm seus corpos mutados em algo independente, desenvolvendo hábitos e novas habilidades, e a morte de ambos surge em virtude do conflito entre a consciência e os novos corpos deles.

Os personagens de Cronenberg lutam para aceitar seus corpos transmutados num intuito de buscar uma nova forma de existir, ainda que quase sempre terminem em morte ou suicídio é sempre bem apresentado o esforço e fascínio desses personagens que buscam o renascimento ou a redenção.

A Mosca levanta a antiga discussão do pânico em torno da perda de identidade dentro de uma sociedade contemporânea, o medo transformado em algo grotesco. Temos cenas aterrorizantes de um cientista que sofre de uma desintegração física e psicológica chegando a colecionar

em seu banheiro seus restos humanos em uma tentativa desesperada de reter em suas mãos algo de sua humanidade.

Os filmes de Cronenberg mostram uma ansiedade e um fascínio com essas transfigurações corporais e por trás da negatividade e do pessimismo, seus filmes retratam medos e ansiedades reais da sociedade de sua época com as inovações tecnológicas e máquinas que emergem entre as décadas de 80 e 90. Ainda que Cronenberg demonstre mais uma vez sua obsessão com o corpo e mente em *A Mosca*, não há, em momento algum, sequer uma chance de que Seth poderá renascer.

Cronenberg acaba por quebrar o estigma do corpo, uma vez que ele não o vê como algo fechado e acaba se focando só nele, mesmo se tratando de algo em constante processo de transformação. É o corpo, a carne e a mente que acabam sendo o centro de quase toda a filmografia do realizador, assim como a figura de seus cientistas que, com o intuito de criar algo bom, acabam por criar algo que lhes foge do controle, sempre sendo as cobaias de seus próprios experimentos, afetando corpo e espírito, traçando uma cruel narrativa de autodestruição.

O realizador canadense mostra por trás de todas as cenas grotescas a face oculta que se manifesta em todos nós, são personagens que sofrem crises de identidade fora do controle e que não conseguem escapar dos destinos que eles mesmos tecem. É em meio a todo o sangue que podemos observar os olhares de terror, inquietação e paranoia, a obsessão de seus personagens em busca de se tornarem novos seres, a fim de superar a carne e a alma que possuem. Não existem chances de redenção no cinema de David Cronenberg.

Por Yasmin Gabrielle Rahmeier Souza